



JUNO

**HOJE ELAS DANÇAM
COM FOGO**

Ana Clarice Farias Carvallho

**MINHAS FÉRIAS DE
VERÃO ACABARAM**


Ana Heloísa Pereira da Silva

**O CIENTISTA SR.
AQUELE**

Wherley Lopes Sanrtana

SIMONE DE BEAUVOIR

REPERTÓRIO CULTURAL

A black and white photograph of Simone de Beauvoir. She is shown in profile, seated at a desk, focused on writing in a notebook with a pen. She is wearing a light-colored, long-sleeved top and a dark necklace. The lighting is dramatic, highlighting her face and hands against a dark background. The overall mood is one of quiet concentration and intellectual pursuit.

**O OPRESSOR NÃO SERIA TÃO FORTE SE
NÃO TIVESSE CÚMPLICES ENTRE OS
PRÓPRIOS OPRIMIDOS.**

SIMONE LUCIE-ERNESTINE-MARIE BERTRAND DE BEAUVOIR, MAIS CONHECIDA COMO SIMONE DE BEAUVOIR, FOI UMA ESCRITORA, INTELLECTUAL, FILÓSOFA EXISTENCIALISTA, ATIVISTA POLÍTICA, FEMINISTA E TEÓRICA SOCIAL FRANCESA.



SUMÁRIO

REVISTA JUNO

EDITORIAL

Educação: direito universal de todos mesmo em
tempos obscuros 03

NARRAÇÃO E SUAS TIPOLOGIAS

Minhas férias de verão acabaram 07
Ana Heloísa Pereira da Silva

Hoje elas dançam com fogo 09
Ana Clarice Farias Carvalho

O cientista sr. Aquele 15
Wherley Lopes Santana

As cartas de Daisy 21
Ana Heloísa Pereira da Silva

DISSERTAÇÃO E SUAS TIPOLOGIAS

A voz do silêncio: Koe No Katachi 22
Anna Beatryz Cândido da Silva

PALAVRA DO PROFESSOR

Funções da linguagem: formas de
utilização segundo a intenção do falante 25
Rodrigo Nóbrega Martins

EDITORIAL

Educação: direito universal de todos mesmo em tempos obscuros

Tempos difíceis pedem resiliência, perseverança e estratégias para alcançar objetivos. A presente edição da revista Juno vem no intuito de reforçar nossos ideais! Avante!

Rodrigo Nóbrega Martins



A presente edição vem trazendo contos bem interessantes do pessoal do oitavo ano. São roteiros bem talhados, bem construídos de uma galera que mostra, inequivocamente, ter talento para a escrita. Sobretudo porque os autores da presente edição são leitores e leitoras contumazes e isso, já sabemos, faz toda a diferença quando chega a hora da escrita.

Estes amigos de pouca idade, que o trabalho na educação básica nos possibilita fartamente, são pérolas e conviver com eles é-nos motivo de grande orgulho. Contudo, escolhemos a presente capa baseados, não somente nos trabalhos dos amigos estudantes, como costumamos fazer, mas neste editorial e nas conversas que temos desenvolvido em sala de aula e que, por motivos óbvios, não estão presentes de forma explícita nesta edição.

Estas conversas giram em torno da liberdade de pensamento, da liberdade de expressão, do diálogo respeitoso, da dialética que se reconhece no seu oposto e não num autoexclusivismo pretensioso e arrogante como algumas figuras públicas insistem em fazer.

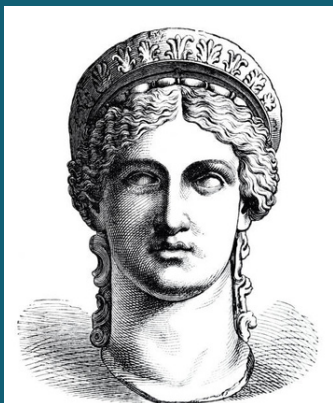
Neste ano de 2022 vivemos momentos políticos difíceis. Muitos foram os cortes orçamentários no campo da educação. No ensino superior, muitos mestrados e doutorados foram fechados. Universidades federais declararam não ter como continuar suas atividades e a educação pública, de uma maneira geral, foi atacada por uma política malfazeja, diminuta, mesquinha, retrógrada, punitiva, levada a termo por figuras obscuras à frente do Ministério da Educação.

Só que, mais do que cortes orçamentários, houve tentativas de cercear o pensamento de muitos trabalhadores da educação que, por suas práticas libertárias foram e são considerados subversivos.

Não podemos, contudo, corroborar com a censura. Não podemos aceitar senão a liberdade de pensar, de questionar, sobretudo a liberdade de ser o que cada um deseja ser, porque tal se configura como um direito fundamental humano.

Não se pode aceitar, por nenhum termo, o menosprezo, o preconceito, a diferenciação de um ser pelo outro baseando-se na cor da pele, na opção sexual, no comprimento do cabelo, na origem social ou qualquer outro elemento por que isso é aceitar o desumano. E quando assim fizermos, teremos nos desumanizado completamente.

Neste sentido, vem-nos a figura de Paulo Freire, como um dos mais lídimos representantes desta ação libertária, resistente ao inumano. Não somente Freire, mas também ele, juntamente a outras figuras, devem nos inspirar no compromisso do trabalho pela mudança; no compromisso de pensar sobre a coletividade, livres de toda forma de preconceito...



VISITE-NOS

📍 R. Dom Pedro II, 1643 -
Franciscanos, Juazeiro do
Norte - CE, 63020-030.

✉️ rodrigo.nmartins97@gmail.com

💻 www.lers.pro.br

💻 www.portalee.com.br

EXPEDIENTE:

••••

••••

••••

••••

••••

••••

Agimos de tal maneira porque acreditamos na força inquebrantável da educação politizada; uma educação que cultiva no indivíduo a certeza de que ele é o absoluto protagonista na construção de seus caminhos. Não nos intimidam as falácias; não nos servem os autoritarismos, os fascismos, senão para compartilharmos com nossos estudantes o que não se deve aceitar nem ser na vida. Nós acreditamos na força da escola pública - livre e universal.

Por outro lado, esta edição tem alguns textos que se encaixam nos antigos folhetins. São produções que foram iniciadas. Apresentam uma boa introdução, mas o desenvolvimento e o final dos enredos estarão presentes nas próximas edições.

Por fim, agradecemos os apoios que temos recebido. São poucos, mas fundamentais. Muito obrigado a todos!

Os editores.



**E QUANDO O AMOR
DINHEIRO, AO SUCESSO, NOS
ESTIVER DEIXANDO CEGOS,
SAIBAMOS FAZER PAUSAS
PARA OLHAR OS LÍRIOS DO
CAMPO E AS AVES DO CÉU.**

ÉRICO VERÍSSIMO (PARA YASMIN).



https://www.instagram.com/projeto_lers/

AS SEM-RAZÕES DO AMOR



CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE

*Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.*

*Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.*

*Eu te amo porque não amo
bastante ou de mais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.*

*Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.*



CAPÍTULO 01

MINHAS FÉRIAS DE VERÃO ACABARAM

Ana Heloísa Pereira da Silva

Minhas férias de verão acabaram. E cá estou seguindo um longo corredor até chegar à minha sala de aula. Chegando à porta vejo a minha turma; alguns conversando com seus grupos ou fofocando, trocando novidades vividas no período em que estiveram distantes uns dos outros. Outros nos seus devidos lugares, fazendo uma atividade que os professores passaram nas férias. Muitos não fizeram no tempo devido e agora afligem-se por terminar a tempo...

Caminho em direção a minha carteira. Sento-me. Tiro a minha mochila das costas e coloco-a em cima da mesa, fazendo dela um travesseiro improvisado para apoiar a cabeça.

- Estou tão cansada... - Murmuro para mim mesma, fechando os meus olhos. E também estou com muito, muito sono...

Minutos depois, sinto alguém me cutucando. Levantando minha cabeça, vejo minha melhor amiga Jessy, sentada na cadeira ao lado, olhando para mim com um ar interrogativo. Dou-lhe um sorriso aberto, feliz por vê-la.

- Como foram suas férias Loyse? - Pergunta ela, puxando assunto.

Eu ia falar como foram minhas férias, mas uma silhueta na porta da minha sala - um homem alto usando uma vestimenta toda preta - chamou-me à atenção.

A roupa que o homem usa é elegante: uma blusa e uma calça social junto com um casaco muito bonito. Nos pés um Converse All Star preto também dá a ele um ar jovial. Indiferente à turma, ele conversa com o professor de português, Rodric.

Curiosa fico me perguntando "Quem é esse homem?" "O que ele está fazendo na porta da minha sala, ainda mais conversando com Rodric!?". Perguntas sem respostas...

Vejo de relance que Jessy também está olhando para o homem misterioso querendo saber sobre aquela presença.

- Acho que ele deve ser o professor novo. - Fala Jessy ainda o encarando com a mão no queixo.

- Professor novo? - Pergunto sem saber que havia um professor novato na escola.

- Sim. - Responde-me ela.

Jessy vira-se para mim. Vem para falar ao meu ouvido:

- Fiquei sabendo que ele vai ocupar o lugar do professor Thomas de História.

- O que aconteceu com o professor Thomas? Ele saiu? - Pergunto incrédula.

Thomas é um professor bem legal. Eu gosto da matéria que ele passa; é muito bom de se ouvir sobre os tempos antigos e outros assuntos abordados na matéria de História que ele leciona.

- Não sei; parece que sim. - Fala Jessy dando de ombros.

- Bom dia turma. - Fala o homem misterioso entrando na sala de aula.

- Bom dia! - Exclama minha turma em unísono. Todos estão em seus devidos lugares prestando bem atenção aos gestos que o homem faz. Ele sorri satisfeito. Então revira a sala com os olhos analisando cada um de nós. Até que por alguns segundos ele me surpreende o encarando. Enfim, caminhando em direção a mesa onde os professores ficam, coloca sua mochila.

Tirando um pincel de algum dos bolsos, vira-se para nós e começa:

- Bom, pessoal sou o professor novo de vocês. E minha matéria é História. - Comenta sorrindo.

Escuto murmúrios na sala. O comunicado causou burburinho... Mas o silêncio logo volta a dominar a pequena assembleia curiosa por ouvir o professor, até que uma pessoa cria coragem e pergunta o que muitos nessa sala querem saber:

- Professor, o que aconteceu com o professor Thomas? - Pergunta Elijah.

Elijah é um aluno *nerd* na sala de aula. Ele também é uma das pessoas que gosta da matéria de História. O Homem que se declarou professor novo fica com o rosto neutro.

- Qual é o seu nome, meu jovem? - Pergunta o professor.

- Elijah.

- Elijah, eu não sei responder essa pergunta porque não fui informado sobre o que houve com o Thomas. Esse era o nome do professor de História de vocês?

- Sim. - Responde Elijah.

- Sim... Sinto muito, mas eu não sei...

O silêncio paira no ar.

Indo em direção ao quadro, o novo professor começa a escrever. Com alguns segundos está escrito em letras garrafais: senhor Ardiloso Cortês.

- Sim. Meu nome é Ardiloso Cortês por favor me chamem de senhor Ardiloso.

- Que nome estranho. - Jessy murmura ao meu lado. O silêncio ainda paira no ar. Tenho certeza de que todos pensam o mesmo que Jessy falou. Que nome esquisito...

- Vocês têm mais algumas perguntas?

Ninguém responde.

- Bom vamos começar nossa aula...

Ela ocorre tranquilamente. Cinquenta minutos depois toca o sinal anunciando que a aula de História acabou e que outra aula vai começar e assim por diante.

Chega a hora do intervalo. Você passa 20 minutos descansando e fazendo suas refeições. Pegando meu sanduíche de presunto com queijo, que trouxe de casa, vou ao meu lugar favorito acompanhada pela Jessy que por sinal trouxe os cookies que sua própria mãe faz. Uma delícia...

No terraço da escola não vejo ninguém e isso é um alívio porque aqui temos nosso momento de paz sem barulho dos outros alunos. Acomodamos em um ponto reservado, próximo à porta de um antigo almoxarifado. Ali e começamos a comer nossos lanches em silêncio.

Minutos depois terminamos de lanchar. Nossa conversa é interrompida por uma voz do outro lado da porta; Jessy e eu ficamos em silêncio. Estranhamos. Nunca tínhamos notado a presença de ninguém ali. A porta range indicando-nos que alguém a abriu mas imediatamente a fechou.

Olhamo-nos desconfiadas...

Em seguida escutamos uma voz. É alguém que fala ao telefone...

- Estou buscando informações, quando souber de algo informarei ao senhor...

Uma voz familiar fala dando uma pausa:

- Sim senhor, sim senhor...

Vejo que é o professor novo. Era o senhor Ardiloso ao telefone...





Hoje elas dançam com fogo

ANA CLARICE FARIAS CARVALHO

A Igreja Católica, na Idade Média, não deixava as pessoas terem liberdade de viver, principalmente as mulheres. Elas eram muito injustiçadas por coisas simples do dia-a-dia. O preconceito era muito forte.

Mulheres ruivas eram queimadas na fogueira em praça pública. Mulheres que tinham conhecimento sobre ervas e que usavam seus conhecimentos para curar diversas enfermidades eram queimadas na fogueira. Mulheres que tinham um gato preto ou falavam sozinha eram queimadas na fogueira em praça pública. Mães solteiras eram queimadas nas fogueiras. Prostitutas eram queimadas na fogueira. Mulheres consideradas diferentes eram queimadas na fogueira.

Porque, segundo os sistemas religiosos, elas eram "bruxas" que tinham um pacto com o diabo e deviam ser eliminadas da sociedade.

As mulheres não podiam fazer nada que não fosse do seu papel de doméstica. Se ousassem pensar, já eram queimadas na fogueira ou torturadas em um equipamento - prévia e maleficamente preparado - até morrer. A Igreja falava que bruxas vieram do inferno para fazer o mal. Mas o que é o inferno comparado à Igreja na Idade Média?

Sabrina era uma mulher de 20 anos de idade e muito inteligente. Tinha muitos conhecimentos sobre diversos assuntos e sabia falar muito propriamente para debater com as pessoas. Argumentava muito bem e não se intimidava com autoridades políticas, militares ou religiosas e suas supostas ameaças ou censuras. Morava com sua tia por parte de mãe. Seu pai havia morrido e sua mãe a abandonara quando era ainda um indefeso bebê.

Sabrina nunca soube o real motivo de sua mãe tê-la abandonado no passado e nunca teve muito interesse em saber sobre o que havia acontecido. Bastava-lhe o presente. Contava consigo mesma e isso parecia bastar.

Sabrina e sua tia moravam em uma vila, junto a outras poucas famílias católicas. Não raro, sua tia se incomodava com as conversações ou debates em que Sabrina tomava parte na praça ou em qualquer roda de amigos. É que o jeito resolvido, desinibido, independente da moça não era bem visto por ninguém.

Na verdade, Sabrina era um grande incômodo para sua tia. Embora tenha cuidado de Sabrina quando criança, esse cuidado nunca foi afetuoso. Depois da morte do pai e da fuga da mãe, ela - a tia - teve dó de a abandonar também. Por isso resolveu assumir e cuidar de Sabrina. Mas dó e amor são sentimentos bem diferentes e Sabrina sempre percebeu essa diferença...

Para piorar a situação, sobretudo numa sociedade machista, Sabrina era uma mulher bonita. Tinha cabelo curto e à semelhança de platinado. Algumas sardas davam-lhe um ar pueril; seus olhos eram verdes, grandes, atentos, questionadores e toda sua figura chamava muito à atenção todos daquela vila. Especialmente os homens a olhavam sem pudor.

Mulheres casadas sentiam-se inseguras por seus maridos olharem tanto para ela. Por seu lado, Sabrina passava por muitos incômodos quando andava pelas ruas. Os homens assobiavam e diziam porções daqueles comentários deseducados, maliciosos, machistas, preconceituosos...

As mulheres da vila se incomodaram tanto com Sabrina que começaram a dizer que ela era uma bruxa; que enfeitiçava homens; que possuía-lhes a alma, o coração, o corpo e muitas outras coisas. Mal-amadas, invejosas, elas não tinham pejo de criar ou repassar boatos viperinos de toda sorte. Espalhavam essas maledicências amiúde e para toda a vila até que, certo dia, os maldosos boatos chegaram aos ouvidos de sua tia.

Foi a vizinha da frente, mulher de meia idade, já grisalha, um tanto castigada pelos próprios sofrimentos, viúva, do tipo beata a rezar o terço na janela para dar conta da vida alheia, que se encarregou de levar os boatos até a tia de Sabrina, colocando, claro, sua dose de fel.

- Sabrina, minha sobrinha? Bruxa? - Perguntou, surpresa, a tia.

- Sim, querida! Todos estão comentando pela vila que ela é uma bruxa que enfeitiça os homens; que aprisiona suas almas e enfeitiça seus corações, fazendo com que estes homens deixem de desejar suas esposas e passem a querê-la, a desejá-la a todo custo. Estão chamando esta epidemia de "o mal de Sabrina".

- Aliás, por que Sabrina não tem um esposo? - Disse a vizinha.

- Minha sobrinha é estranha mesmo. - Concordou a tia, já cismada e entusiasmada com a fofoca. Só não estava sabendo disso, destes boatos, destes feitiços...

De alma e comportamento voláteis, a tia de Sabrina começou a acreditar na vizinhança; tomou a sério os maldizeres sobre ela ser bruxa. Nos dias seguintes, pôs-se a observá-la melhor. A moça mesmo não havia mudado seus hábitos, mas uma certa boataria, por infundada que seja, sempre muda a rotina, entretém e é bem-vinda na alma soberba. Foi assim que a tia deu como certa a bruxaria da menina.

Juntando os boatos que ouvira às inconfessáveis intenções que possuía, sua tia resolveu falar ao padre sobre sua sobrinha. Disse ao vigário que desconfiava de que Sabrina fosse realmente uma bruxa, afinal, o cabelo curto, tingido de branco não eram coisas de mulher direita. A ela Sabrina parecia mais um colono albino sem escravos e sem serventia...

O padre - alma vil - glutão que "cuidava" de umas quatro ou cinco mocinhas de 11 anos, "ministrando os sagrados ensinamentos na própria carne", disse que iria se aconselhar com seus superiores, investigar e, em caso positivo, veriam o que se podia fazer.

As palavras do padre, estranhamente, animaram a tia de Sabrina. Por sua boca, muitas outras mulheres da vila juntaram-se à rede de boatos. Estes cresceram, engrossaram, tomaram substância, vulto; em pouco tempo chegaram de onde saíram.

Nas visitas cordiais, nas missas domingueiras, nos bancos da praça, nos encontros para o café da tarde das mulheres beatas da vila não se falava noutra coisa. Aos poucos a mentira vestiu-se de verdade: Sabrina era uma bruxa perigosíssima, a ameaçar seriamente o casamento das famílias de bem.

E desta verdade conveniente para a ideia de uma procissão sagrada para expulsar o diabo do corpo de Sabrina não correu uma semana.

Queriam cortar o mal pela raiz. A moça seria posta à prova. A procissão iria até a casa dela. Todas as mulheres de bem, juntas, iriam pressioná-la! Desdizia-se, reparava suas atitudes, mudava suas roupas, escondia suas formas, tornava-se sem-graça; negava-se a si mesma; virava beata como as outras ou zás! Fogueira! A ideia animou até as mais molengas. Em poucas semanas, organizou-se o movimento.

Chegou o dia da procissão. Apetrechados com velas, cruces e demais utensílios, munidos dos "bons costumes, revestidos das boas intenções", guarnecidos das ordens divinatórias, foram até a casa onde Sabrina e sua tia moravam.

Queriam que Sabrina confessasse que havia feito um pacto com seres das profundezas infernais; que maleficamente seduzia os homens; que desejava destruir todas as famílias daquela pequena vila. E que daquele momento em diante ela teria uma chance! Que renegasse o diabo; que morresse para o antes de renascesse para o futuro beato. Estavam, as beatas, ali para alçá-la a uma vida de mulher casada e cristã.

Mas Sabrina deveria daquele dia em diante mudar todos os seus atos!

Ela não desdenhou, embora soubesse fazê-lo. Mas disse que não fizera nada, que aquilo era uma grande tolice e que não lhe cabia retratação alguma. Que elas deveriam voltar às suas casas e cuidar de seus afazeres...

A turba de mulheres castas enfureceu-se. Aquilo era uma heresia, um despropósito, um descalabro! E já que a moça não obedecia por bem, que usassem a força! Decidiram levar Sabrina amarrada até uma ponte com outras duas mulheres que estavam sendo acusadas dos mesmos infernais delitos.

Da ponte via-se abaixo a correnteza caudalosa disposta a levar para a morte quem caísse na água barrenta. Uma corda no pescoço de cada uma "das hereges" era a consequência de uma vida sem Deus, asseverou o padre que leu a acusação.

Depois deu-se oportunidade para arrependem-se e confessarem seus pecados. De voltarem ao bom rebanho das almas "com Deus".

As beatas enciumadas, fervorosas, aturdiam:

- Confessem logo que são almas do diabo!!! Morram na correnteza! Deixem-nos em boa paz! O coisa-ruim as espera nas profundas do além!

Sabrina manteve-se serena. Disse que não fizera nenhum pacto com força oculta alguma e as outras duas mulheres também disseram a mesma coisa. Nada as demovia de suas posições.

Mas a ameaça de enforcamento estava equivocada. Consultando os manuais religiosos, o padre anunciou que bruxas deveriam morrer queimadas! Então declarou:

- Elas não merecem morrer enforcadas nem tampouco afogadas! Que sejam queimadas, já que eram "bruxas" e "mentirosas".

O cortejo obediente saiu da ponte e chegou à praça onde a sentença se daria. Perguntou-se ainda uma vez mais se elas não desejavam as luzes de uma vida beata. Elas mantiveram suas posições. Não temiam a morte. Pronto! Sem mais nenhuma benevolência da boa sociedade a sentença se deu. Em poucos minutos subia ao ar uma fumaça preta com cheiro de carne humana queimada.

Morreram por terem um sorriso no rosto e isso é falta grave em terra de infelizes. No domingo seguinte, o padre, amoroso, gentil e glutão, de pele lustrosa e cabelo ensebado fez uma cerimônia bonita. Ainda pediu pelas almas das desgarradas já mortas. De tarde cuidaria de suas menininhas...

As beatas comentavam como fora bonita a celebração... Diziam uma a outra e entre todas:

- Decerto aquele santo homem, quando Deus o quisesse levar, seria canonizado. Um santo!

Na saída, nem viram a imagem de Jesus na parede lateral e os dizeres que se liam abaixo dela:

"Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e então verás claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão". Mateus 7:3, 5.

TORTURAS APLICADAS ÀS MULHERES

A Idade Média foi, sem dúvidas, a época mais cruel da humanidade. Os inúmeros e aterrorizantes tipos de tortura existentes, praticados principalmente contra mulheres, são de deixar qualquer um com o cabelo em pé.

E os motivos que levavam as mulheres a serem castigadas são os mais banais possíveis, como falar demais, ter muitos filhos ou ser considerada brava, por exemplo. Não à toa que a época ficou conhecida como a era de ouro da tortura, com diversos instrumentos desenvolvidos. E alguns sites reúnem as piores técnicas usadas contra mulheres na Idade Média, com histórias e descrições de tirar o sono e embrulhar o estômago. Confira 5 delas abaixo e, para ver mais, acesse aqui e aqui.

O **freio de Scold** era uma espécie de freio amarrada ao rosto da mulher, que comprimia a língua toda vez que a língua se mexia. Era usada para punir mulheres que fofocavam ou simplesmente falavam demais.

Nariz cortado

Uma mulher que tivesse um affair deveria ter seu nariz mutilado. Isso porque, ao desfigurar o rosto de uma mulher, o poder de sua beleza era eliminado. A lei de Cnut de 1018 determinou que uma mulher acusada de adultério teria não só o nariz mas também os ouvidos cortados como punição.

Fonte:

<https://www.hypeness.com.br/2017/11/5-formas-brutais-usadas-durante-a-historia-para-torturar-mulheres/>

“UMA CERTA BOATARIA, POR INFUNDADA QUE SEJA, SEMPRE MUDA A ROTINA, ENTRETÉM E É BEM-VINDA NA ALMA SOBERBA.”

ANA CLARICE FARIAS CARVALHO

“

AS MULHERES NÃO PODIAM FAZER NADA QUE NÃO FOSSE DO SEU PAPEL DE DOMÉSTICA. SE OUSASSEM PENSAR, JÁ ERAM QUEIMADAS NA FOGUEIRA OU TORTURADAS EM UM EQUIPAMENTO - PRÉVIA E MALEFICAMENTE PREPARADO - ATÉ MORRER. A IGREJA FALAVA QUE BRUXAS VIERAM DO INFERNO PARA FAZER O MAL. MAS O QUE É O INFERNO COMPARADO À IGREJA NA IDADE MÉDIA?

”

**ANA CLARICE FARIAS CARVALHO,
OITAVO ANO.**

LERS

LEITURA, ESCRITA,
RESPONSABILIDADE SOCIAL.

JUAZEIRO DO NORTE

AVENIDA PADRE CÍCERO: UMA DAS MAIS IMPORTANTES VIAS DA CIDADE TEM FOTOS HISTÓRICAS.



Autor da foto: desconhecido.

A Avenida Padre Cícero é, hoje, uma das vias mais movimentadas e mais importantes de Juazeiro do Norte. Não somente no sentido do trânsito de pedestres e veículos. Mas no sentido econômico também. Abriga desde praças e ranchos destinados à hospedagem de romeiros, até clínicas médicas, postos de combustíveis e muitos outros estabelecimentos importantes para a economia local.

Mas, além disso, a avenida guarda uma história pouco conhecida porque poucos são os registros. Na foto acima, sem data, mas de muito tempo atrás, juazeirenses andam pela avenida no que parece ser um mutirão em prol da igreja. Uma relíquia!

Deus Ihe pague

REPERTÓRIO CULTURAL

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus Ihe pague

Pelo prazer de chorar e pelo "estamos aí"
Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair
Deus Ihe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi
Deus Ihe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
Deus Ihe pague

Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
Deus Ihe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus Ihe pague

Chico Buarque

Músico, dramaturgo e escritor brasileiro. Conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira (MPB).

**NÓS ACREDITAMOS NA FORÇA
DA ESCOLA PÚBLICA
UNIVERSAL**

LETRS - LEITURA, ESCRITA, RESPONSABILIDADE SOCIAL

REVISTA JUNO | 14





Wherley Lopes Santana

O CIENTISTA SR. AQUELE

O que o conhecimento pode realizar em nós? Até onde ele pode nos levar? Ele pode preencher todas as nossas lacunas? Um conto que toca em pontos sensíveis de cada um de nós...

Bem longe do nosso planeta Terra existe um quadrante que se chama SW609. Esse quadrante possui quatro planetas em sua estrutura. São eles: Vasvurde, Placius, Olanderholl e Abum. Entretanto, ainda neste quadrante, existe um corpo orbital chamado Vastons, que, inclusive, não é considerado um planeta porque é bem menor do que Plutão.

No corpo celeste Vastons existe uma casa e, ao lado desta, um laboratório que também é um observatório. Nesse observatório existe um telescópio de grande alcance, capaz de enxergar com nitidez assombrosa planetas de outras galáxias.

Na casa, mora um cientista que procura descobrir os segredos daqueles quatro planetas, assim como quem ou o que criou todas as estruturas daquele quadrante.

Este cientista passou anos estudando o pequeno “planeta” em que mora: sua estrutura, seus sistemas e ecossistemas, grandes e pequenos. Devido aos seus estudos, o cientista conseguiu descobrir e catalogar muita coisa sobre o pequeno corpo celeste Vastons, o que ninguém tinha conseguido até então.

Mas, ao mergulhar nos extensos planos de estudo, tal foi sua entrega, tão grande foi sua dedicação; tal foi o seu empenho, que se esqueceu de todas as outras coisas. Esqueceu mesmo em que planeta ele vivia; esqueceu qual era sua galáxia. Esqueceu, inclusive, que havia feito planos de estudar os outros corpos daquele quadrante, os outros quatro planetas e até, quem sabe, um dia as demais estruturas, tais como nebulosas, asteroides, buracos negros e cometas que estivessem orbitando próximos ao seu campo de observação...

Enfim, na busca por entender os processos do solo, da atmosfera e das águas daquele pequeno “planeta”, o cientista havia se desconectado de outros projetos de estudo. Mas seu esquecimento foi além!

Certo dia, com espanto, percebeu que já não sabia quem era. Olhando-se ao espelho, na hora em que escovava seus dentes, estranhou-se por completo. Como havia mudado seu rosto! Como havia mudado sua imagem! Como suas feições haviam envelhecido!



“*Tinha um passado, certamente. Por isso estava ali, agora, a enxergar-se no espelho! Mas não lembrar coisa alguma, era como se nada tivesse.*”

Wherley Lopes Santana, oitavo ano..

A barba comprida chamou-lhe a atenção. A pele mudara. Seu rosto apresentava vincos e marcas do tempo. Os olhos fundos, o nariz ligeiramente adunco, os cabelos brancos, a pele marcada, puseram-no a pensar. Em que figura havia se transformado? Como ali, olhando-se ao espelho, poderia desconhecer-se completamente sem se dar conta do tempo transcorrendo? Sem se dar conta do trabalho gradual e perene que os anos fazem conosco? Tirou os óculos, olhou-se novamente; passou a mão no rosto... Nada... Onde estava que não vira o tempo passar; que fizera que não vira nada acontecer?

Mergulhado neste cismar, tentou lembrar o próprio nome. Nada... Assustou-se mais ainda. Tateou os bolsos em busca de algum documento banal que pudesse esclarecer-lhe a dúvida fatal. Debalde. Não havia documento sequer e não lembrar do próprio nome deixou-o preocupado. Qual seria sua origem? Seus pais? Sua família? Teria amores? Filhos, esposa? Tinha um passado, certamente. Por isso estava ali, agora, a enxergar-se no espelho! Mas não lembrar coisa alguma, era como se nada tivesse.

Tal foi seu arrebatamento, que não se sabe quantos dias permaneceu naquele cismar. De noite, olhava as luas e as perguntava quem ele era. Elas não lhe respondiam. No dia, à luz do sol, andava a pensar e nem um fio de lembrança vinha acudi-lo. Os dados mais banais, que qualquer um lembra por toda a vida sem qualquer esforço, tinham fugido por completo de sua mente.

*Adunco (adj.):
em forma de gancho;
curvo, recurvado, aquilino.*

Muito tempo ainda, o desmemoriado cientista ficou encafifado, preocupado, procurando, tentando descobrir quem era, qual era o seu nome; de onde vinha, que identidade tinha... Luas e luas passaram; meses e meses findaram. Nem um fio de memória veio iluminar o passado do cientista. Transcorrido todo esse tempo que ele mesmo não saberia precisar, tendo feito tanto esforço por lembrar sua identidade sem nada conseguir, decidiu que não poderia, agora, entregar-se inteiramente a esse conflito.



**"NÃO SE PODE NEGAR A SI MESMO,
NÃO SE PODE NEGAR O QUE PEDE O CORAÇÃO."**

WHERLEY LOPES SANTANA, OITAVO ANO.

Desmemoriado ou não, prosseguiria. Afinal, a vida continuava. Seus compromissos não esperavam. O estudo chamava-o, a pesquisa reclamava sua presença. Tinha medições a fazer; catalogações a concluir, hipóteses por confirmar, teorias por construir. Era, pois, preciso acudir. Seguiria sua vida sem seu nome original, que remédio! Daquele momento em diante, tomou uma decisão e passou a chamar-se Sr. Aquele.

É que mesmo não lembrando quem era, não havia como negar sua natureza; não havia como negar as tendências dentro de si mesmo, suas facilidades, seus desejos, seus questionamentos, suas vontades, enfim, aquilo por que seu coração vibrava. E o sr. Aquele gostava mesmo de estudar.

Mesmo esquecendo-se quem é, não se pode negar a si mesmo, não se pode negar o que pede o coração. Por isso o sr. Aquele se tornou cientista. Já agora, desmemoriado, não saberia dizer como chegara a ser um cientista respeitado, mas o era. E não podia negar que gostava de pesquisar, de estudar, de investigar, de ir à caça dos porquês...

Decidiu então, que, enquanto sua memória não se clareasse, continuaria estudando. E foi assim que, pondo suas preocupações de lado, decidiu ir até Vasvurde e iniciar novos estudos por lá. Preparou todos os equipamentos; Ajeitou todas as ferramentas para fazer uma possível manutenção em seu foguete e partiu num certo clima de tristeza, muito devido à sua falta de memória.

A viagem ocorreu de modo tranquilo, no piloto automático. O sr. Aquele olhava pela janela a imensidão negra do espaço sideral. Ao longe corpos celestes reluziam e, indiferente a tudo, o cientista perguntava-se: quem sou? Que nome tenho? Que idade possuo? Amo? Sou amado? Onde estão meus amigos? Qual é meu passado? E assim, perdido em seus pensamentos não viu o tempo passar! Quando deu acordo de si, era tempo de ajustar os controles para pousar: reduzir velocidade, liberar o trem de pouso e desembarcar!

Em Vasvurde - alvíssaras - podia se respirar sem qualquer auxílio artificial. Sua atmosfera era composta majoritariamente de oxigênio o que, objetivamente era um conforto para o sr. Aquele, que não gostava de andar atado a um cilindro pesado.



De primeira vista, quando pousou em Vasvurde, ele viu uma cadeia muito extensa de montanhas. Todas tinham picos muito altos. De cada um deles saía uma espécie de poeira cósmica, lembrando os vulcões do planeta Terra quando entram em erupção. O solo tinha um tom alaranjado. Os ventos eram brilhantes e geladinhos, muito diferentes dos ventos da Terra que são invisíveis. Um fato estranho é que em Vasvurde não há água. O próprio sr. Aquele ainda não sabe explicar como isso é possível. Mas ele havia levado uma boa reserva para não ficar com sede...

Assim que pousou, tendo esperado a poeira baixar, ao desembarcar, ouviu um vozeirão perguntar-lhe:

- O que um humano faz aqui?

O sr. Aquele estranhou. Não havia visto ninguém da janela de sua nave, enquanto pousava. Olhou em volta de si, adiante e além. Deu uma volta ao redor de si procurando alguém. Ninguém havia. Intrigado, perguntou:

- Quem disse isso?

- Responda-me primeiro! - Ressoou o vozeirão, sem demora.

Ele estranhou mais ainda. olhou de novo ao redor, e, não vendo ninguém, falou como que para o vento, quase gritando:

- Ah! Eu vim até este “planeta” para estudar seu ecossistema - entender melhor a vegetação, o clima, a atmosfera, o relevo, as condições de temperatura e pressão e, se me for permitido, colher algumas amostras.

- Então você veio me estudar? Tudo bem! Não há qualquer problema. Chamo-me Vasvurde. E você, como se chama?

O sr. Aquele coçou a cabeça. Olhou de um lado a outro, intrigado, pensou estar sonhando, afinal, planeta falando! Depois pensou consigo mesmo que aquele era o primeiro planeta que falava e isso poderia ser uma grande descoberta...

- Ah, sr. Vasvurde, infelizmente eu não lembro meu nome. Tenho andado completamente desmemoriado. Mas pode me chamar de sr. Aquele.

Houve um pequeno silêncio. O ventos brilhantes passavam de um lado a outro. Então sr. Aquele perguntou:

- Diga-me: como você fala, mesmo sendo um pequeno planeta!?

A resposta veio logo:



- É uma história bem longa. Tem certeza que deseja escutar?

- Sim, senhor! Gostaria muito! Não sei se tens tempo disponível, mas conversar consigo seria, para mim, um grande prazer. Afinal, é a primeira vez que converso com um planeta!

- Então começaram o diálogo que se prolongou por muitos, muitos dias...

- Varsvude contou muitas coisas ao sr. Aquele. Mostrou-lhe áreas de sua superfície que estavam preservadas, limpas; porções de terra conservadas, belas; vegetações inteiras intocadas onde os animais viviam em harmonia e isso deixava aquele planeta alegre, feliz.

Mas também mostrou suas tristezas, suas feridas, marcas de momentos difíceis. Partes desgastadas e degradadas pela inconsciência, pelo descuido, pelo descaso e pela ganância dos que, um dia, passaram ou viveram ali.

O sr. Aquele percebeu que o planeta amigo tinha alegrias e tristezas, orgulhos e arrependimentos, memórias boas e memórias tristes. Uma parte do planetinha sorria satisfeita, saudável e outra chorava um pouco, tendo marcas à vista.

E percebeu que todos esses episódios tornavam aquele planeta mais belo, mais bonito, mais rico e encantador.

Vendo o que falava aquele planeta, o sr. Aquele entristeceu-se. Sobretudo porque percebeu que calculava bem; que dominava conhecimentos da química, da física, mesmo da astrofísica; aprofundara-se na astronomia; sabia falar bem; tinha vasto vocabulário; conhecia muitos idiomas falados nos muitos recantos daquele quadrante. Mas não tinha alegria ou tristeza, qualquer lembrança boa ou ruim; nada alegre ou pesaroso. Não tinha História.

Depois do longo diálogo, despediram-se. Embarcado novamente em sua nave, o sr. Aquele fazia a sua viagem de volta para sua casa, no pequeno Vastons. E, sentindo-se absolutamente vazio, sem nada de realmente seu, questionava-se porque todo o conhecimento não o podia ajudar.

Sim, ele sabia muitas coisas; acumulara muito conhecimento. Descobrira muitas rochas, muitos gases, muitos líquidos. Mas tudo isso parecia-lhe, depois de conversar com o planeta, um tanto ineficiente, inútil, vão... Não sabia por que se sentia assim. Apenas sentia.



Parecia-lhe que o conhecimento orbitava-o, mas não podia descer-lhe ao coração, saciar-lhe de afeto, preencher-lhe integralmente. Faltava algo.

A nave pousou de volta. O cientista, perdido nestes cismares, caminhou devagar para suas instalações. Voltou ao seu laboratório. Tudo, entretanto, enfadava-o; ali, tudo parecia-lhe, absolutamente, sem graça.

Olhou ao redor. Sentiu-se com fome e cansado. Mas a fome podia esperar. O corpo exausto não. Sem trocar de roupas, sem tirar dos bolsos seus instrumentos de pesquisa, deitou-se.

Pela janela, uma réstia de sol quebrava a escuridão. O cientista olhava pensativamente a forma que a luz fazia na parede branca. Logo a noite chegaria...

Valia tanto conhecimento se não sabia quem era ele mesmo? Se não houvesse afeto e amor em sua vida, o que faria com o conhecimento? O que fazer se não havia pessoas ao seu redor? Sentiu que seu conhecimento era como uma água parada, a criar limo, sem correr, sem se transformar, sem ser compartilhado com irmãos, amigos, parentes, enfim...

Sentiu saudade de Vasvurde. Queria voltar, estar em sua companhia. Conversar, falar e ouvir seu vozeirão. E, sentindo saudades, lembrava de suas palavras com carinho.

Vencido pelo cansaço, o sr. Aquele adormeceu. Na parede, o raio de sol que entrava pelo buraquinho da telha desapareceu. Lá fora, a noite bela, era um espetáculo. As estrelas brilhavam.

Distante dali, o pequeno Vasvurde lembrava com saudade do cientista sem nome... Queria continuar conversando, queria conhecer mais seu recente amigo. Se tivesse braços, abraçá-lo-ia; um desses abraços gritados, bem apertados, com tapinha nas costas e tudo...

No dia seguinte, o sol já alto, o cientista despertou. Olhou em volta, abrindo os olhos com dificuldade. Reconheceu sua bagunça costumeira. Levantou-se, espreguiçou-se gemendo. Esvaziando os bolsos foi até o jardim, na parte de fora.

Súbito, lembrou-se de Vasvurde. Seu coração bateu forte e seus lábios se abriram num sorriso largo, involuntário, irresistível...

Agora o sr. Aquele tinha um amigo; agora o sr. Aquele tinha um dia de história...

Feliz, foi arranjar o que comer...

AS CARTAS DE DAISI

CAPÍTULO 01

Diante de uma grande janela de mogno avermelhado, tendo diante de si a vista de uma lua cheia radiante com seu brilho soberano no firmamento, Daisy saboreava pensativa uma taça de vinho *La Romanée-Conti*. A casa toda em repouso dava um ar quase meditativo ao ambiente e agora, ali, sozinha, quando as obrigações do dia findavam-se, punha-se a pensar em muitos dos últimos acontecimentos.

Na manhã desse mesmo dia estava sentada em sua poltrona enquanto degustava seu café no jardim, debaixo de um belo caramanchão de bougainville. Ali sentada, fez soar a campainha. Sua governanta se aproximou, solícita:

- Pois não, senhora.
- Anne, Você recebeu alguma carta hoje?
Sim, minha senhora... - Respondeu Anne.
- Quem é o remetente?
- A carta vem da casa dos Lewis.
- Traga-a para mim. - Pede Daisy.

Em seguida, leva novamente a xícara de café aos lábios, sentindo o aroma adocicado e forte, ingerindo o conteúdo de um sorvo.

Anne aproximou-se e deixou a carta na mesa, retirando-se discreta. Voltando sua atenção para a carta que foi colocada na mesa, tomou o envelope nas mãos e ficou o observando.

Abriu-o e, retirando o papel, prontamente reconheceu a caligrafia do seu amigo. Maquinalmente começa a percorrer as palavras que lhe eram destinadas. Como a querer dar uma nova força a elas, lê em voz alta:

"- QUERIDA DAISI EVANS, ESTOU LHE MANDANDO ESSA CARTA CONVIDANDO VOCÊ PARA VIR A MINHA RESIDÊNCIA PASSAR UM DIA COM MINHA COMPANHIA E CONVERSARMOS UM POUCO. DE SEU AMIGO EDWARD LEWIS."

Daisy sorri da cortesia de seu amigo. Em seguida, pega a sineta que está na mesa. As badaladas soam quebrando o silêncio. Segundos depois aparece uma outra empregada à porta:

- Chamou-me, senhora? - Perguntou a empregada pressurosa.

- Sim, chamei - Responde Daisy sorrindo. Em seguida pede à moça que traga-lhe papel e caneta-tinteiro.

- Sim, senhora. - Faz uma referência desajeitada e se retira às pressas.

Voltando sua atenção para a carta em suas mãos, Daisy fica examinando-a. Exibe um sorriso bobo e fica cantarolando uma melodia suave.

Chegados os apetrechos, Daisy põe-se à escrita. Parece cuidadosa em relação às palavras. Lê, relê.

"OLÁ, EDWARD, ESTOU BEM-AGRADECIDA PELO SEU ATENCIOSO E CORDIAL CONVITE! ACEITAREI DE BOM GRADO. VISITÁ-LO-EI AMANHÃ. DE SUA AMIGA DO CORAÇÃO, DAISI EVANS."

Deposita o pequeno bilhete em um envelope rubro e volta aos seus pensamentos.

Aquele dia fora longo, cansativo. E agora, de noite, de sua janela lembrava-se daquela manhã...

Sobretudo, pensava em como as coisas haviam mudado em sua vida. Tantos anos haviam se passado; tantas dores, tantos sofrimentos; tantas incertezas, tantas lágrimas. Tantas vezes sentira-se à beira de um grande precipício...



A VOZ DO SILÊNCIO

ANNA BEATRYZ CÂNDIDO DA SILVA

Como é possível rever nossas atitudes e iniciar uma vida nova? É possível voltar às pessoas que um dia machucamos e iniciar uma nova relação sem as marcas tão contundentes de um passado triste e pesaroso? É possível um recomeço no universo das relações humanas?

Este é um dos questionamentos presentes no enredo que envolve a vida de Shoya Ishida, personagem central de um filme que tem encantado todos que o assistem: “A VOZ DO SILÊNCIO: KOE NO KATACHI”.

O roteiro começa com o personagem marcando dias no calendário e buscando resolver algumas coisas que inicialmente deixam o público um pouco confuso.

As cenas iniciais mostram um jovem com grandes conflitos. Esses conflitos começam a ser respondidos a partir de um retorno no próprio tempo da narrativa.

O flashback retoma o momento em que uma estudante, Shouko Nishimiya, chega a uma escola e enfrenta algumas situações desfavoráveis com seus colegas de classe. As situações envolvem problemas de saúde que a personagem tem. Um aluno, em especial, é quem mais perturba a jovem menina. E a relação entre os dois se torna muito tensa.

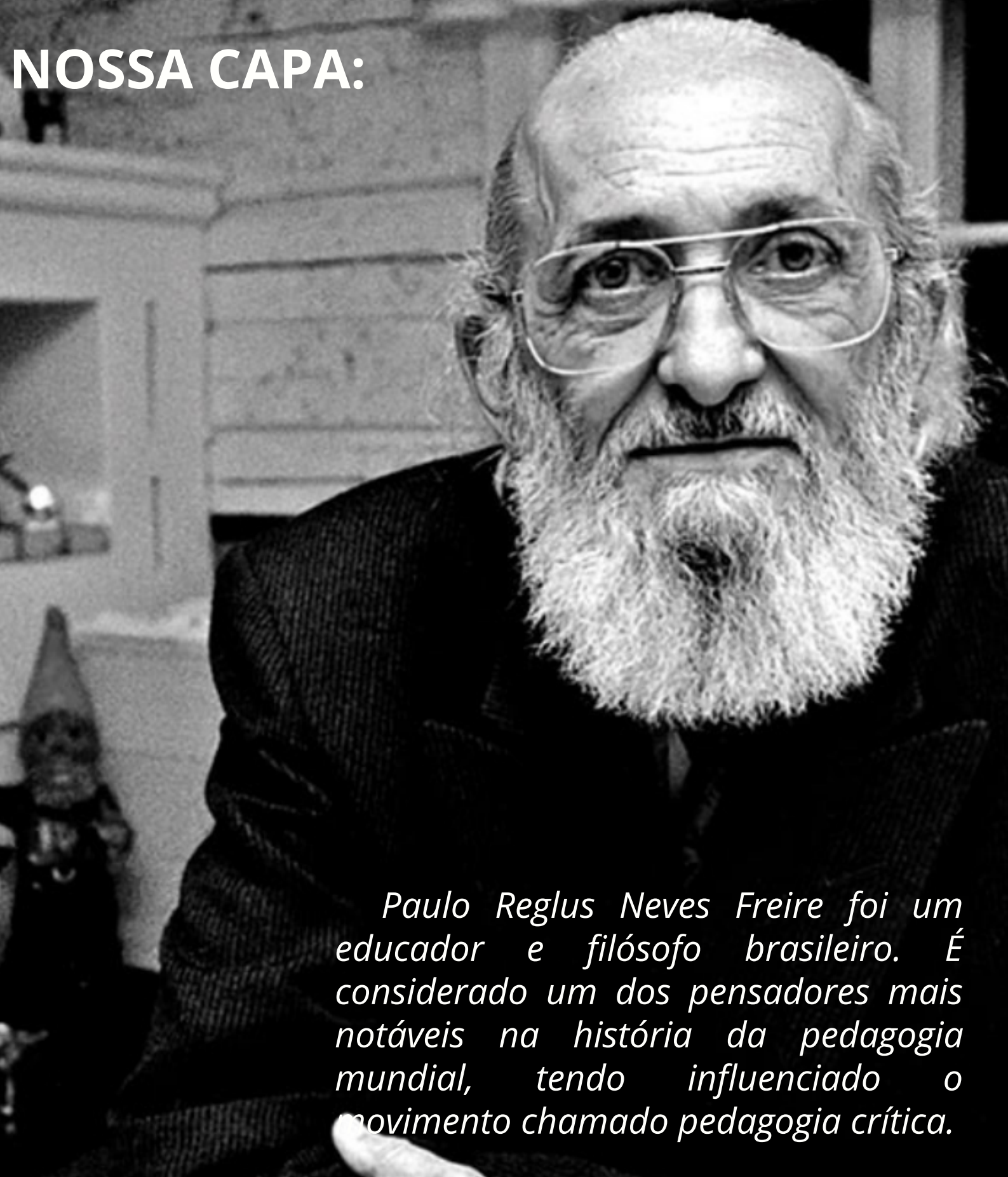


É a partir desse retorno que se pode entender o roteiro de forma inteira. Dum ou doutro modo, o filme agradou muito a todos de forma muito impactante. Um dos comentários sobre o filme é categórico ao afirmar: “A forma que esse filme te prende é tão incrível e inexplicável! Eu acho que esse filme deveria ser passado em escolas, ainda mais em épocas em que os alunos estão aprendendo sobre o assunto ou até mesmo sofrendo tal ato! O fato do filme nos mostrar a realidade de muita gente e como as pessoas que tratam as outras de forma má também possam estar passando por dificuldades, faz com que abramos os nossos olhos de uma forma inesquecível. Eu adoraria saber que um filme bom desses pudesse ser mais reconhecido e mostrado em escolas, pois mostraria várias coisas que estamos acostumados a tapar os olhos e os ouvidos, para fingir que nada está acontecendo! Seria um sonho ver alguma escola apresentando esse maravilhoso filme para os alunos, e até mesmo influenciando as outras a fazerem o mesmo! Nota máxima, com certeza!!”.

Outro comentário vai no mesmo caminho: “Amo esse filme, ele é genial. Acredito que todos deveriam assistir, crianças, adolescentes, adultos, enfim, todos. Quem sabe assim as pessoas evoluiriam mentalmente e espiritualmente... e como consequência, incontáveis vidas seriam salvas no mundo todos os anos. Tanto a autora Yoshitoki Ōima como a diretora Naoko Yamada são geniais, eu também gostaria muito de um romance deles e no final eles ficassem juntos, mas a ideia do filme não foi de romance e sim mostrar a realidade das pessoas que sofrem bullying. A maioria das pessoas não sabem como esse filme é valioso e útil. Não captam a essência do filme que mostra o quão devastador e doloroso é para uma pessoa que sofre bullying e quão lixo, covarde e sem noção é quem pratica bullying. Amo esse filme, é de um valor inestimável...”. O filme é uma produção japonesa de 2016. Tem a direção de Naoko Yamada. As métricas do Google indicam que 96% dos usuários gostaram do filme.



NOSSA CAPA:



Paulo Reglus Neves Freire foi um educador e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

**"O SISTEMA NÃO TEME POBRE QUE PASSA FOME. TEME POBRE QUE SABE PENSAR."
PAULO FREIRE**

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

FORMAS DE UTILIZAÇÃO SEGUNDO A INTENÇÃO DO FALANTE



FUNÇÃO REFERENCIAL, INFORMATIVA OU DENOTATIVA

As funções da linguagem são formas de utilização da linguagem segundo a intenção do falante. Elas são classificadas em seis tipos: função referencial, função emotiva, função poética, função fática, função conativa e função metalinguística.

Na função referencial o referente é posto em evidência. É a mais comum das funções. Tem sentido denotativo. Compõe-se de textos jornalísticos, informativos, didáticos, dissertativos de modo geral. Valoriza o contexto. Todos eles, por meio de uma linguagem denotativa, informam a respeito de algo, sem envolver aspectos subjetivos ou emotivos à linguagem.

FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA: O EU EM EVIDÊNCIA

Também chamada de função expressiva, na função emotiva o emissor tem como objetivo principal transmitir suas emoções, sentimentos e subjetividades por meio da própria opinião. Esse tipo de texto, escrito em primeira pessoa, está voltado para o emissor, uma vez que possui um caráter pessoal. Como exemplos podemos destacar: os textos poéticos, as cartas, os diários. Todos eles são marcados pelo uso de sinais de pontuação, por exemplo, reticências, ponto de exclamação, etc.

FUNÇÕES DA LINGUAGEM SÃO FORMAS DE UTILIZAÇÃO DA LINGUAGEM SEGUNDO A INTENÇÃO DO FALANTE.

**LERS : LEITURA,
ESCRITA,
RESPONSABILIDADE
SOCIAL**



FUNÇÃO CONATIVA, APELATIVA OU ARGUMENTATIVA

Também chamada de apelativa, a função conativa é caracterizada por uma linguagem persuasiva que tem o intuito de convencer o leitor. Por isso, o grande foco é no receptor da mensagem. Essa função é muito utilizada nas propagandas, publicidades e discursos políticos, de modo a influenciar o receptor por meio da mensagem transmitida. Esse tipo de texto costuma se apresentar na segunda ou na terceira pessoa com a presença de verbos no imperativo e o uso do vocativo.

FUNÇÃO FÁTICA

A função fática tem como objetivo estabelecer ou interromper a comunicação de modo que o mais importante é a relação entre o emissor e o receptor da mensagem. Aqui, o foco reside no canal de comunicação. Esse tipo de função é muito utilizada nos diálogos, por exemplo, nas expressões de cumprimento, saudações, discursos ao telefone, etc.

FUNÇÃO POÉTICA

A função poética é característica das obras literárias que possui como marca a utilização do sentido conotativo das palavras. Nessa função, o emissor preocupa-se de que maneira a mensagem será transmitida por meio da escolha das palavras, das expressões, das figuras de linguagem. Por isso, aqui o principal elemento comunicativo é a mensagem. Note que esse tipo de função não pertence somente aos textos literários. Também encontramos a função poética na publicidade ou nas expressões cotidianas em que há o uso frequente de metáforas (provérbios, anedotas, trocadilhos, músicas)..

FUNÇÃO METALINGUÍSTICA

A função metalinguística é caracterizada pelo uso da metalinguagem, ou seja, a linguagem que se refere a ela mesma. Dessa forma, o emissor explica um código utilizando o próprio código. Um texto que descreva sobre a linguagem textual ou um documentário cinematográfico que fala sobre a linguagem do cinema são alguns exemplos. Nessa categoria, os textos metalinguísticos que merecem destaque são as gramáticas e os dicionários.



Revista Juno

Revista da escola pública de Juazeiro do Norte

**Nós acreditamos numa
educação pública universal
de qualidade.**

Revista Juno

